

Maria Irene Ramalho\*

Universidade de Coimbra

# Ana Luísa Amaral: Esquecer para lembrar

## Resumo:

Este ensaio propõe uma reflexão poética e crítica sobre a obra de Ana Luísa Amaral, centrando-se na tensão entre memória e esquecimento como elementos estruturantes da sua escrita. Entre o íntimo e o literário, entre o dizer e o não poder dizer, procura-se explorar a forma como, para a poeta, esquecer pode ser uma estratégia essencial para lembrar — e poetizar.

## Palavras-chave:

Ana Luísa Amaral, memória, esquecimento, amor, criação poética

## Abstract:

This essay undertakes a poetic and critical reflection on the work of Ana Luísa Amaral, foregrounding the tension between memory and forgetting as foundational elements of her writing. Navigating the space between the intimate and the literary, between articulation and the impossibility of articulation, it explores how, for the poet, forgetting becomes an essential strategy for remembrance — and for the act of poetic creation.

## Keywords:

Ana Luísa Amaral, memory, forgetting, love, poetic creation

No dia 5 de Abril de 2024, completaria Ana Luísa Amaral 68 anos, corria na Faculdade de Letras da Universidade do Porto um colóquio comemorativo da poeta. Não era a festa de anos que tínhamos projectado para ela antes da sua doença, e para a qual tinha eu prometido contribuir com um leitão inteiro. Num 5 de Abril anterior, quando Ana Luísa Amaral abria as suas portas em Leça de Palmeira para uma memorável festa de anos (teria feito 64? 65?), levava eu da Bairrada meio leitão, que se revelou exíguo. Ana Luísa Amaral gostava muito de leitão, e muitas das suas amigas e amigos também. O porco não é, no entanto, um dos muitos animais que Rosa Maria Martelo tem vindo a descobrir e a teorizar ao debruçar-se, uma vez mais, sobre a poesia de Ana Luísa Amaral (Martelo 2024: 127-150). E como poderia ser? Os animais, reais ou míticos, de que a poeta se serve para dar forma e sentido a muitos dos seus poemas, animais que, muitos deles, se comem sem pecado uns aos outros, não são parte integrante da gastronomia tradicional da cultura ocidental. O leitão é. Como é o frango, uma ave de capoeira que ganha uma receita em *What's in a Name* (2017): “Sugestão de empada de frango (a dizer-se galinha em tempo antigo)” (Amaral 2022: 1093-1094). Parece um poema que sobrou do livro anterior, *E todavia* (2015), que oferece um conjunto de poemas em geral designados como “receitas para a crise” (*idem*: 1033). Sobre como as políticas de austeridade tiveram eco na poesia de Ana Luísa Amaral escreveu já Marinela Freitas com total pertinência (Freitas 2016: 339-407). A mim, no entanto, interessam-me sobretudo as receitas mais extravagantes, que falam de confeccionar um prato, compor um poema, ou de como se diz o amor. Ou das três coisas ao mesmo tempo.

Não que o ensaio de Rosa Martelo o sugira sequer, mas quem o ler poderia talvez supor que Ana Luísa Amaral era vegetariana, ou pelo menos, que não consumia carne. Nada disso. O respeito com que Ana Luísa Amaral imagina a criatura não-humana no seu poemar não é muito diferente do respeito que sente pelo animal que prepara para comer e dar a comer. Percebi uma vez que ela achava quase um sacrilégio meter no forno a assar um cabrito já cortado aos bocados (que é o que eu faço). Como se a dignidade com que assumia o acto a obrigasse a levar o bicho a cozinhar inteiro. O trincar viria depois, para o prazeroso saboreio em família.

Ana Luísa Amaral era uma excelente cozinheira – e gabava-se disso. Quer comparando-se indirectamente com a amiga já falecida, Margarida Losa, que recorda com saudade em “As correcções do amor” (“o cozinhares tão mal”) (Amaral 2022: 462), quer oferecendo a quem a lê competentes alusões gastronómicas, refeições e receitas várias. No poema inaugural de *Minha senhora de quê* (1990), “Terra de ninguém” (Amaral 2022: 13), a palavra “receita” aparece logo no segundo verso, simetricamente repetida no penúltimo, enquanto o sujeito poético procura um espaço, “um reduto”, por entre “silêncios, armários / e cebolas perturbantes”. Fica desde logo identificada a voz da mulher poeta que tudo ousa cantar, incluindo “cebolas” que aqui “se repetem”. Num gesto muito típico de Ana Luísa Amaral, cujos poemas recorrentemente voltam a poemas anteriores, em “Terra de ninguém revisitada” (*idem*: 93), de *Coisas de partir* (1993), aparecem cebolas outra vez”, que acabam indistintas do poema que as canta:

Cebolas de estamenha e de brocado,  
calçadas de cristal,  
voando pela noite  
mais final,  
arrastando-me os versos  
mais  
compridos

Em “Metamorfoses” (*idem*: 35), o seu “gabinete de trabalho” – espaço-reduto de onde fala a poeta – é “uma despensa”. Com jocosa alusão ao livro de Sandra Gilbert e Susan Gubar sobre mulheres escritoras e o imaginário oitocentista, o poema reivindica para si a luz mágica da Criação primeira, ao mesmo tempo que recusa hierarquizar o lugar da fala, que aqui é uma despensa, mas muitas vezes é a cozinha (Gilbert/Gubar 1979):

Faça-se luz  
neste mundo profano  
que é o meu gabinete  
de trabalho:  
uma despensa.

As outras dividiam-se  
por sótãos,  
eu movo-me em despensa  
com presunto e arroz,  
livros e detergentes.

Que a luz penetre  
no meu sótão  
mental  
do espaço curto

E as folhas de papel  
que embalo docemente  
transformem o presunto  
em carruagem!

Na cozinha se faz amor. *Ágape*, como em “Leite-creme” (Amaral 2022: 202), de *Epopéias* (1994), uma receita de ternura para a filha pequenina; *Eros*, como em “Kamasutras” (Amaral 2022: 151-152), de *Coisas de partir* (1993), um hino ao desejo (“com saber hindu”), como na antiga cultura sânscrita.

\*

O colóquio de que comecei por falar chamou-se “Ler Ana Luísa Amaral”. As organizadoras tinham proposto que cada palestrante levasse um poema para (re)ler para o grupo. A pensar no entrelaçamento do erótico e do poético de que Ana Luísa Amaral se serve para a arte, que sabe difícil, se não impossível, de dizer o amor, escolhi “O exacto curso do rio” (Amaral 2022: 453-454), de *Imagias* (2002), que comecei por ler:

O exacto curso do rio

Exactamente como foi, o medo de me enganar  
mais tarde na memória — é tudo o que me resta: estar  
de noite às escuras a pensar em ti

E se me lembro mal, se troco as vezes, naquela  
quinta-feira o dia do amor em vez de ser  
na quarta, o erro surge-me gigante,  
um peso carregado como Atlas

Por isso é que preciso de lembrar coisas  
exactas, como aconteceu tudo; não só  
transpor depois na ficção recolhida, sou eu  
que te preciso e dos teus dias  
que me foram meus

Lembrar-me exactamente como foi, o que usei  
nesse dia e o que usei no outro, até que horas  
tudo, se havia gente ou não  
e em que dia. Porque as palavras depois se  
reconstroem

O que se disse então torna-se fácil.  
Assim dito parece coisa pouca,  
lugar-comum e  
fácil, mas as noites são grandes

e lembrar-te  
exactamente  
de uma forma correcta

é-me tão importante  
dentro das noites a pensar em ti  
sabendo: não te vejo nunca mais.

Trata-se de um belíssimo, se bem que triste, poema de amor, como tantos outros de Ana Luísa Amaral. Digo que é triste porque fala de um amor que se diz sem futuro. Fala da finitude do “nunca mais” – a encerrá-lo. Mas será o “nunca mais” que faz triste o amor? Ficará assim tudo exactamente dito?

Não que não haja na obra de Ana Luísa Amaral poemas de amor alegres, felizes, mesmo extáticos, como aquele joco-sério em que um sujeito-poético-muito-apaixonado faz “o pino até insensatez”. Intitula-se este “Ode ao divino que aí mora” (*idem*: 498-499), e foi primeiro publicado neste mesmo volume de estranho título, *Imagias*, sobre o qual escrevi na altura um texto que muito me ensinou (Ramalho 2002). *Imagias* é um título impossível, a denunciar a maior preocupação de ambos estes poemas e de muitos outros de Ana Luísa Amaral. Como dizer o amor? Como pôr o amor em palavras? “E eu sem saber como falar de amor”, lamenta-se a poeta em “As curvas aparentes da memória” (Amaral 2022: 464-466 [465]), também de *Imagias*. Na verdade, como dizer seja o que for, como superar o abismo entre a palavra e a coisa? Como não sofrer que o nome do ser amado diga apenas, cruelmente, a ausência do ser nomeado? Em “As delícias do verbo” (*idem*: 486), ainda de *Imagias*, aliás a sugerir nome de receita que não é o prato que promete, lê-se: “a injustiça de te ter em nome / mas não te ter aqui”. Em “Ode ao divino que aí mora” pergunta-se, a contradizer o “Evangelho segundo João” (“No princípio era o Verbo e o Verbo era Deus”), como dizer o divino “se o divino é sem nome”? Não há como não lembrar o tetragrama bíblico – YHWH – que afinal *não diz* o nome de Deus. O que pode afinal ser dito? E dito *exactamente*? Decerto que nem o nome de Deus, nem o amor.

Na já mencionada, e sacrílega, “Ode ao divino que aí mora”, “aí” é o corpo do ser amado, “a fingir de céu”, e todos os meandros sérios e jocosos do poema, muito hesitantes e esforçados (“ou seja” repete-se três vezes), a combinar os “corpóreos limites” da fragilidade humana (“dor em pé direito”) com uma pergunta pelo sublime pensar da *Divina Comédia* (“entre inferno e céu, / a diferença não há”). A associação da dor de pé com o poeta-dos-poetas (“tom quase de Orfeu”) dá também que pensar: a poesia não é nada a vida? Pois não. Mas tem tudo a ver com a vida. Tal como o amor. Por isso, em “Ode ao divino que aí mora”, se acaba fazendo “o pino”, em rima perfeita, num “lugar não divino”. Mal ou bem, é na mortalidade do humano ser que se diz o amor. Mal, diria eu, a pensar em “Inocentíssimos plágios” (Amaral 2022: 219-221), de *Epopéias*, um poema de várias “tentativas”, escrito, nem em português, nem em inglês, mas na “língua” de “To His Mistress Going to Bed”, de John Donne: “E eu que queria escrever / sobre o teu corpo / (sobretudo a seguir / a poema inglês) // [...] que diz: my new-found land / e outras coisas / assim”. O poema de Donne despe com deleite a mulher amada das suas belas roupagens para dizer exactamente do amor que com ela o poeta quer fazer, mas sem se deter um momento que seja na beleza física do corpo da mulher, que apenas deseja cobrir com o

seu próprio corpo; o poema de Ana Luísa Amaral deixa a poeta “sem conforto”, a gaguejar de estrofe em estrofe perante a nudez indizível do ser amado, até à inescapável, total nudez:

E eu  
que  
queria  
escrever  
sobre  
o teu  
corpo,  
fiquei-me  
assim  
e sem

Impossível de dizer – o amor – diz este poema, que assim diz o amor melhor que nenhum outro.

Em “O exacto curso do rio”, lá estão “coisas exactas” e três “exactamente[s]” a tentar contrariar a dificuldade do perfeito dizer. Em *O silêncio dos poetas*, Alberto Pimenta lembra uma afirmação de Ferreira Gullar, que decerto não terá escapado a Ana Luísa Amaral. “Origem da poesia é não ter nada para dizer. O que é, para linguagem, falar é, para a poesia, falhar. Assim é preciso que a linguagem falhe para que o poeta fale” (Pimenta 2003: 74). Talvez por isso, na escrita da memória de si que é *Ara* (2013), por duas vezes se leia: “Duas linhas de amor, a minha escrita a falhar contra o vento” (Amaral 2013: 36, 47). É que no dizer “se reconstroem as palavras” e “a ficção”, que nunca é *exactamente*, não pode evitar-se. No primeiro dos fragmentos em prosa a intercalar (ou intervalar) o livro intitulado justamente *Se fosse um intervalo* (2009) (Amaral 2022: 447-820 [748]), quem escreve fala de inventar “nome falso mas real de ficção”, que porém não coincide com o ser nomeado: “tu não respondias ao nome que inventara para ti”, queixa-se quem o nome inventou.

Disse “perfeito dizer” e ocorre-me quanto o vocábulo – “perfeito” – e seus derivados povoam a poesia de Ana Luísa Amaral. De imediato me vem à memória “O excesso mais perfeito” (*idem*: 326-422 [381-382]), de *Às vezes o paraíso* (1998), o poema que excessivamente diz do desejo da poeta de um poema impossível por impossível de se dizer. Como pode o excesso ser “perfeito”? Vem à ideia o excesso de Blake, poeta de quem Ana Luísa Amaral sempre andou tão perto. “The road of excess leads to the palace of wisdom”, diz um dos “Proverbs of Hell” (Blake 1968: 33-44 [35]).

Não pode dizer-se que “O excesso mais perfeito” seja um poema de amor. Pelo menos, não no sentido em que “O exacto curso do rio” é um poema de amor. E, no entanto, a sua exuberante linguagem barroca, sensual e “sem pudor” está muito próxima do erotismo cómico e excêntrico de “Ode ao divino que aí mora”. Em “Infinito” (Amaral 2022: 106), de *Coisas de partir* (1993), Ana Luísa Amaral pergunta-se se não serão quarenta, “como os ladrões

da história”, “as palavras de amor”, como se talvez furtivamente se pudesse dizer o amor; e em “Reaprender o mundo” (Amaral 2002: 603-607), de *A gênese do amor* (2005), lembra as “cinco formas” “que os gregos tinham para falar de amor”. Quantas são as formas de Ana Luísa Amaral? O impossível desejo do “exactamente” é uma delas. E raro é o seu poema que não fale de amor e não diga da dificuldade de o dizer.

“O exacto curso do rio” diz-se sem alardes de erotismo. É um poema, mais do que de amor, de saudade do amor (“não te vejo nunca mais”). E a verdade é que o erotismo nunca é exacto. Nem o curso de um rio. O que seria um curso do rio exacto? Esse conceito do “exacto”, que pretende ser “uma forma correcta” de “lembrar”, depende, por isso mesmo, da memória, e a memória, por sua vez, é misteriosamente escorregadia, e tem o outro lado de si. Tudo tem a ver com o tempo – a “hora” que passa e que é a “ara” que fica – como se percebe pela epígrafe pessoana que a poeta escolheu para *Ara*, o livro com mais memória de Ana Luísa Amaral. A epígrafe de *Ara* diz “De suave e aérea a hora era uma ara onde orar”. O trecho do *Livro do desassossego*, de que esta frase é a primeira, termina a suplicar, sabe-se lá a que “Senhora dos Desígnios Incertos” na última frase do trecho: “dá-me que eu me esqueça” (Pessoa 2017: 189-190 [#128]). Como não lembrar o que disse Nietzsche nas suas *Considerações intempestivas*? Que “é possível viver quase sem recordar . . . mas é totalmente impossível viver sem esquecer” [*es ist möglich, fast ohne Erinnerung zu leben, . . . es ist aber ganz und gar unmöglich ohne Vergessen zu leben*] (Nietzsche 1999: 243-334).

“Os teares da memória: Mnemósine e as suas filhas” (Amaral 2022: 734-735), de *Entre dois rios e outras noites* (2007), é a pergunta mais angustiada de Ana Luísa Amaral sobre o que significa lembrar e esquecer, e como não esquecer é uma terrível tirania. “Desejava esquecer, mas elas não me deixam”. “Elas” são as musas, filhas de Mnemósine, que deixam a poeta “condenada a ver para além do tempo”. Tal como a *Liebie*, magistralmente imaginada, poética e filosoficamente, por Ana Marques Gastão em *A mulher sem pálpebras*, inevitável e cruelmente “condenada a ver” (Gastão 2021: 83).

Mas há também o medo de esquecer, que é *Ara*, o lembrar obsessivo pelo pavor de esquecer. Como de outro modo entender que o “romance”, como lhe chamou Maria Velha da Costa, se deixe compor da repetição de tantos textos anteriores de Ana Luísa Amaral? O capítulo intitulado “Discrepâncias (a duas vozes)” é reproduzido integralmente de *Se fosse um intervalo*. O livro de 2007, *Entre dois rios e outras noites*, marca abundante presença ao longo de *Ara*. E até o meu poema de *Imagias* compõe, por si só, um dos capítulos de *Ara*. Com formatação diferente e um muito significativo e insistente novo título – “Memórias” – o poema é *exactamente* o mesmo.

Exactamente como foi, o medo de me enganar  
mais tarde na memória – é tudo o que me resta: estar  
de noite às escuras a pensar em ti.

E se me lembro mal, se troco as vezes, naquela  
quinta-feira o dia do amor em vez de ser  
na quarta, o erro surge-me gigante,  
um peso carregado como Atlas.

Por isso é que preciso de lembrar coisas  
exactas, como aconteceu tudo; não só  
transpor depois na ficção recolhida, sou eu  
que te preciso e dos teus dias  
que me foram meus.

Lembrar-me exactamente como foi, o que usei  
nesse dia e o que usei no outro, até que horas  
tudo, se havia gente ou não  
e em que dia. Porque as palavras depois se  
reconstroem.

O que se disse então torna-se  
fácil – é tudo o que me resta: recordar.

Entendo estas lembranças de si como gestos de pergunta pelo poético, de que há muitos na obra de Ana Luísa Amaral. Ana Luísa Amaral tinha uma memória prodigiosa, bem sabemos. Mas ela também sabia que a memória lhe falhava às vezes. Como quando, neste poema que escolhi (re)ler, se lembra “mal” e troca “o dia do amor”. O curioso é que a poeta não tinha qualquer disponibilidade para corrigir os seus lapsos de memória em poemas. Era como se, quando um poema lhe acontecia e ela o escrevia e ele era publicado, o poema assim seria para sempre. E ela repetia de cor muitos poemas de livro para livro, às vezes com falhas – de memória ou outras, deliberadas ou não. Quando *O olhar diagonal das coisas* estava em produção, lembrei-lhe que estava errada a epígrafe retirada de Dylan Thomas para aquele poema de *E muitos os caminhos* (1995), em memória da tia, a poeta Manuela Amaral, acabada de falecer. O título do poema é “Passos de veludo” (Amaral 2022: 267), que são afinal os sorrateiros passos que caminha a morte. A citação correcta seria: “Do not go gentle into that good night”. Mas na memória de Ana Luísa Amaral ficara talvez o que soaria um inglês mais comum: “Do not go gently into that good night”. O lapso não foi corrigido. Não que ela mo tenha explicado, mas a verdade é que a epígrafe tinha já saído assim em *E muitos os caminhos*.

Chamo a este gesto poético esquecer para lembrar.

## NOTA

\* Maria Irene Ramalho é professora catedrática jubilada da Secção de Estudos Anglo-Americanos do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde foi coordenadora científica dos programas de doutoramento em Estudos Americanos e em Estudos Feministas até Setembro de 2012. Desde 1999, é International Affiliate do Departamento de Literatura Comparada da Universidade de Wisconsin-Madison, onde lecionou regularmente como professora visitante. Tem publicado extensamente, em português e em inglês, sobre temas de literatura e cultura de expressão inglesa (com especial incidência na poesia dos Estados Unidos), estudos americanos, literatura comparada, teoria poética, estudos culturais e estudos feministas. Faz parte do conselho editorial de várias revistas de literatura e cultura. Entre os vários prémios e distinções que recebeu, destaque-se, mais recentemente, o Prémio Vergílio Ferreira 2024.

## Bibliografia

- Amaral, Ana Luísa (2022), *O olhar diagonal das coisas*. Posfácio de Maria Irene Ramalho, Lisboa, Assírio & Alvim.
- (2014), "The Dying Animal", in Amaral *et al.*, *Do branco ao negro*. Org. São José Almeida, ilus. Rita Roquete de Vasconcellos. Porto, Sextante.
- (2013), *Ara*. Lisboa, Sextante.
- Blake, William (1968), *The Poetry and Prose of William Blake*. Edited by David V. Erdman, Commentary by Harold Bloom. Garden City, NY, Doubleday & Company, Inc.
- Carvalho, Armando da Silva/Maria Velho da Costa (2006), *O livro do meio. Romance epistolar*. Lisboa, Caminho.
- Costa, Maria Velho da (2000), *Irene ou o contrato social*. Lisboa, Dom Quixote.
- Freitas, Marinela (2016), "E todavia: artes do possível". *Cadernos de Literatura Comparada* 35/12: 399-407.
- Gastão, Ana Marques (2021), *A mulher sem pálpebras*. Silveira, Bookbuilders.
- Gilbert, Sandra/Susan Gubar (1979), *The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination*. New Haven, Yale University Press.
- Martelo, Rosa Maria (2024), "Asas, garras e outros sobressaltos – notas para uma zoopoética", in *O multiverso de Ana Luísa Amaral – 3 leituras*. Maria de Lurdes Morgado Sampaio, Marinela Freitas, Rosa Maria Martelo. Porto, Coleção Passagens, Casa dos Livros: 127-150.
- Nietzsche, Friedrich (1999), *Unzeitgemäße Betrachtungen II*, in F. Nietzsche, *Kritische Studienausgabe*. Org. Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlin, De Gruyter.

Pessoa, Fernando (2017), *Livro do desassossego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa, Tinta-da-China.

Pimenta, Alberto (2003), *O silêncio dos poetas* (1978). Lisboa, Cotovia.

Ramalho, Maria Irene (2002), “Palavras exactas (a propósito de *Imagias* de Ana Luísa Amaral)”, *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (Junho): 12-15.

Rodrigues, Raquel (2020), “Ana Luísa Amaral: ‘de nomes falo:/ porque não sou capaz/ de melhor forma’”. Entrevista: <https://gerador.eu/ana-luisa-amaral-de-nomes-falo-porque-nao-sou-capaz-de-melhor-forma/>